

# Dialogando sobre o insólito ficcional: uma entrevista com Maurício Cesar Menon

*Discussing the fiction of strangeness<sup>1</sup>: an interview with Maurício Cesar Menon*

Rita Gabriela Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** Maurício Cesar Menon é professor atuante na Universidade Federal do Paraná e tem contribuído com a crítica brasileira contemporânea, efetuando estudos sobre o espaço ficcional, sobre a literatura do medo e a literatura fantástica. Esta entrevista foi realizada com o intuito de dialogar, refletir e discutir sobre o campo de estudo deste pesquisador. As perguntas foram feitas a partir da leitura do texto "Espaço do Medo na Literatura Brasileira", resultado da pesquisa de Maurício Cesar Menon, que faz parte da obra *As Arquiteturas do Medo e o Insólito Ficcional*, organizado por Flávio García, Júlio França e Marcello de Oliveira Pinto em 2013.

**Palavras-chave:** insólito ficcional, literatura do medo; literatura fantástica.

**Abstract:** Maurício Cesar Menon is a professor at the Federal University of Paraná and has contributed to contemporary Brazilian criticism, doing studies on fictional space, on the literature of fear and fantastic literature. This interview was conducted with the intention of debating, reflecting and discussing the field of study of this researcher. The questions were taken from the reading of the text "Space of Fear in Brazilian Literature", the result of the research of done by Maurício Cesar Menon, which is part of the work *The Architectures of Fear and the Fiction of Strangeness* organized by Flávio García, Júlio França and Marcello de Oliveira Pinto in 2013.

**Keywords:** fantastic literature; fiction of strangeness; literature of fear.

## Introdução

Maurício Cesar Menon possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1989), especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (1999), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2002), doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2007) e pós-doutorado pela Universidade Federal do Paraná (2014). Atualmente é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e membro de corpo editorial do *Diálogo e Interação*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: gêneros, gótico, história, imagem, medo e representação.

---

<sup>1</sup> Also known as Slipstream or Weird Fiction.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Literários (UNIMONTES). E-mail: ritagabriela74@yahoo.com.br.

**Fale-me um pouco sobre suas atividades na Universidade, como as desenvolve, se há dificuldade em lecionar.**

Leciono em uma Universidade Tecnológica, num *campus* onde não existe o curso de Letras na graduação; embora também lecione em dois programas de pós-graduação da universidade em outras cidades – em uma delas o curso é de Letras. Minha realidade mais premente, porém, é a de dar aulas de Comunicação para cursos de engenharia e bacharelado e também de Humanidades para esses mesmos cursos. Só trabalho mais especificamente com literatura nos dois programas de mestrado em que me encontro filiado. Gosto muito do que faço, sempre gostei, já logo completo 27 anos de magistério e lecionei em praticamente todos os níveis. As dificuldades em aprender sempre existiram, o que se vê hoje, porém, mesmo dentro de uma universidade federal é a falta de base com que muitos alunos chegam ao ensino superior; alguém mal alfabetizado, por exemplo, demonstrará dificuldade em quase todos os conteúdos – isso é uma consequência direta do sucateamento da educação básica – o nome já diz tudo, se não há base, não há como se construir, pouca coisa subsiste.

**O espaço narrativo exerce importância na produção da literatura do medo?**

Com toda certeza; vamos nos lembrar que é a partir do espaço que se define o gótico em seus primórdios (séc. XVIII), o termo migra da arquitetura para a literatura; as noções de espaço, de ambiente, de clima são essenciais na produção de literatura do medo.

**Há algum espaço geográfico onde se passa a narrativa que é mais propício à presença de fatos que caracterizam a literatura do medo?**

Outrora, no romance gótico, havia espaços preferenciais; hoje não mais; aliás quanto mais inusitado for o texto neste quesito mais efeito surpreendente ele vai conseguir extrair do leitor, mas isso é raro; de fato, ainda hoje, recorre-se muito aos

antigos clichês do gênero como os espaços decadentes, o ambiente noturno e sombrio e assim por diante.

**A literatura fantástica precisa de quais aspectos, lugares e características para existir?**

Grosso modo, se formos pensar bem, ela pode ser dada em quaisquer circunstâncias; todavia quando se vai à teoria percebem-se modalidades cada qual detentora de algumas características (não totalmente rígidas), por exemplo, o maravilhoso de As Mil e uma Noites é diferente do soturno e estranho de Kafka; Borges é diferente em sua essência de Gabriel Garcia Marquez e assim por diante. Fica quase impossível delimitar características do fantástico, por isso hoje tem-se preferido o termo insólito ficcional, pois é mais abrangente.

**Gabriel Garcia Marquez, Isabel Alende, Alejo Carpentier, Julio Cortázar, José Luís Borges, J. J. Veiga. Você acha que são escritores relevantes e que escreveram obras que servem de exemplo para a literatura fantástica?**

Com toda certeza; é uma pena que José J. Veiga não tenha tanto trânsito assim entre os leitores como os outros citados, pois no Brasil é um dos maiores representantes do Realismo Mágico, a meu ver.

**Volobuef (2000, p. 110) afirma que a literatura fantástica “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia-a-dia”. Você concorda com essa afirmação?**

Creio quase que na totalidade desta afirmação; mas há casos, como o de Lovecraft, por exemplo, em que fica difícil dizer que ali não há criaturas imaginárias, mesmo em alguns textos de Cortázar; ou mundos imaginários como em Borges. Volobuef é uma das maiores pesquisadoras do assunto e possui textos respeitáveis, aos quais recorro

muitas vezes – penso, portanto, que a citação dela é mais genérica no sentido de teorização que dê conta de uma boa parcela da literatura fantástica.

**Você acredita que há um pouco de literatura do medo nas obras de Clarice Lispector?**

Acredito que sim; todavia não há de se esperar que isso ocorra em Clarice com o mesmo registro que em outros autores. Não se pode perder nem ignorar a dimensão metafísica do texto dela – creio que seja por aí que se deva olhar.

**Quando se fala em literatura fantástica e do medo em qual obra você pensa?**

Penso em duas obras clássicas que para mim continuam sendo referências: *A Outra Volta do Parafuso*, de Henry James, um dos poucos casos de fantástico puro de acordo com a teoria de Todorov. O medo nesse texto está escondido e revela-se nas fissuras da narrativa; por exemplo, é de arrepiar pensar que a maldade ou parte dela esteja contida naquelas crianças. É uma leitura ambígua e, dependendo da forma como você a lê, você pode ter histórias diferentes. Outro é o *Drácula*, de Bram Stoker, pela estética elaborada e pelo fato de como o autor consegue reconfigurar um dos mitos mais antigos da humanidade – o vampiro; o texto é muito bom, embora cansativo na visão de alguns – não na minha.

**REFERÊNCIAS**

GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio; PINTO, Marcello de Oliveira. *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Caetés, 2013.

VOLOBUEF, Karin. *Uma leitura do fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka)*. Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109-123, jun. 2000.

Recebido em: 02/04/2018

Aceito em: 24/05/2018